

Dossiê



O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL E AS MOEDAS DE CONSTANTINO I

*Cláudio Umpierre Carlan**
claudiocarlan@ig.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta a numismática como um documento alternativo e analisa as questões políticas relativas ao mundo romano durante o governo de Constantino I, o Grande. Enfatiza-se, nessa discussão, a importância do uso de uma variedade de fontes iconográficas, arqueológicas. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional (RJ), analisa-se a imagem como fonte de propaganda, capaz de legitimar o poder imperial.

PALAVRAS-CHAVE: moeda, império, iconografia, poder, política.

A moeda tem sido estudada pelos historiadores sob o prisma de mercadoria, como objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a história social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade em termos de salários, de custo de vida e dos comportamentos coletivos referentes a eles. O estudioso da moeda tem-se preocupado mais com o corpo econômico e social a que ela servia do que com o metal que a produzia, mesmo porque, estruturalmente, o primeiro aspecto ultrapassa os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que ele pertencia.

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Na Antiguidade, o possuidor de uma determinada espécie monetária estranha se interessava pelo metal nobre ou não em que ela era cunhada, pelo seu tipo e pela sua legenda. O primeiro informava-o da riqueza de um reino, e os outros dois elementos caracterizavam a arte – ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante –, o poder emissor e, sobretudo, a

* Doutorando na Universidade Estadual de Campinas.

ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É com base nesse último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

A numismática, “uma disciplina das ciências sociais” (FLORENZANO, 1984, p. 11), ligou-se tradicionalmente ao estudo da história, sobretudo à história política (ajudando a estabelecer a cronologia de reinados e a datar fatos importantes da política), à economia (informando sobre o valor das moedas dentro dos diferentes sistemas monetários, sobre desvalorizações e período de crise, sobre os comportamentos em relação à moeda, permitindo examinar, no passado, a aplicação das leis econômicas), à arqueologia (contribuindo para auxiliar a datação de estratos e sítios arqueológicos) e à história da arte (permitindo, através de seus tipos, uma análise da evolução dos estilos e o reconhecimento de obras desaparecidas ou conhecidas somente por meio de textos literários) (VIEIRA, 1995, p. 94).

O Museu Histórico Nacional, localizado próximo à Praça 15,¹ na cidade do Rio de Janeiro, possui a maior coleção numismática da América Latina. O acervo do Museu passa das 130 mil moedas, desde a primeira cunhagem, realizada na Lídia no século VII a.C., até o euro. Além disso, existem outras peças em exposição, como as carruagens do séculos XVII, XVIII, XIX, as armas e medalhas do período imperial e o fabuloso Pátio dos Canhões.

O nosso primeiro contato com a coleção daquele Museu aconteceu em 1997, quando estávamos preparando um projeto de dissertação de mestrado, que abrangia a política romana do século IV d.C. Trabalhamos então com as 258 moedas do Imperador Constâncio II, filho e herdeiro político de Constantino I, o Grande. A dissertação intitulada *Moeda, política e propaganda sob Constâncio II* foi dividida em duas partes: uma narrativa, sobre os acontecimentos políticos, religiosos, militares e econômicos do seu governo; e a outra, um catálogo das moedas.²

Em 2001, retornamos ao Museu para analisar toda a coleção referente ao século IV, num total de 1.888 moedas, da tetrarquia à divisão do império por Teodósio I, tendo em vista um futuro projeto de doutorado, com uma análise aprofundada dos acontecimentos históricos e com um catálogo, mais completo que o anterior.

ERA CONSTANTINIANA: UM PERÍODO DE REFORMAS

Caius Flavius Valerius Aurelius Constantinus – ou simplesmente Constantino I, o Grande – nasceu em Naissus (Nis), entre 270 e 288, e faleceu em Nicomédia no ano de 337. Era filho de Constâncio Cloro (ou Claro,

membro da tetrarquia de Diocleciano) e de sua concubina Helena (mais tarde canonizada pela Igreja Católica Romana, pois, segundo a tradição, em uma peregrinação a Jerusalém, ela teria encontrado a cruz em que Jesus Cristo foi crucificado).

Criado na Corte de Diocleciano, na parte oriental do Império, como refém, para que seu pai permanecesse fiel ao regime, desde cedo, Constantino ganhou a admiração dos soldados pelas suas qualidades militares. Fugindo de Nicomédia, ingressou nas legiões comandadas por Constâncio Cloro. Com a morte deste, foi aclamado pelo exército, no ano de 306, como Augusto (governante de maior prestígio), prática muito comum durante os séculos III e IV. Mas Galério (genro de Diocleciano) concedeu-lhe apenas o título de César (espécie de auxiliar do Augusto, subordinado ao governante/imperador). No ano seguinte, Constantino se fez ser reconhecido Augusto pelo outro tetrarca Maximiano, cuja filha, Fausta, ele desposou.

Devido às intrigas entre os sucessores dos primeiros membros da tetrarquia (Diocleciano, Galério, Maximiano, Constâncio Cloro), o Império Romano contava com sete imperadores. Com a morte de Maximiano em 310 (forçado ao suicídio por Constantino) e de Galério em 311, Constantino aliou-se a Licínio (casado com sua irmã Constância), marchando sobre Roma em 312, no lendário episódio da Ponte Mílvia. Em 324 mandou executar Licínio, e o Império voltou a ter um único senhor.

A obra religiosa de Constantino é de fundamental importância, pois levou o estabelecimento de um império cristão. A tradição cristã diz que, pouco antes de entrar em combate contra Maxêncio (Ponte Mílvia), o imperador “rezava e fazia freqüentes súplicas”, segundo o seu amigo e biógrafo Eusébio de Cesaréia (EUSEBIUS PAMPHILI, 1902, p. 21). Surgiu então no céu um sinal divino: as iniciais da palavra Cristo em grego (XPTO), acompanhada da inscrição *hoc signus vinces* (com esse sinal vencerás). Constantino teria mandado pintar o sinal nos escudos dos soldados e vencido assim a batalha. De acordo com o retórico cristão Lactâncio (1954, p. 126), contemporâneo de Eusébio de Cesaréia, a visão de Constantino ocorreu durante o sono, pouco antes do combate. Lembramos ainda que Eusébio escreveu a sua obra em grego e Lactâncio em latim.

O novo imperador mandou cunhar moedas que lembravam esse fato. Outros governantes, séculos mais tarde, “copiaram” o modelo constantiniano e cunharam peças com a mesma legenda e iconografia, como, por exemplo, D. Manoel, o Venturoso, de Portugal, D. Pedro I e D. Pedro II, do Brasil.

De fato, Constantino tinha inicialmente uma religião solar, de tendência monoteísta, de culto ao sol ou *sol invictus* (também representado em suas amoedações). Ele se considerava inspirado por um Deus único, mas mal definido, e mantinha as funções de *pontifex maximus* (chefe sacerdotal ou chefe da religião e, a partir de 391, título do bispo de Roma ou papa) e mestre do paganismo.

Funari (2002, p. 131) define, assim, essa suposta conversão de Constantino como um jogo político:

Assim o imperador Constantino concedeu aos cristãos, por meio do chamado Edito de Milão, em 313, liberdade de culto. Em seguida, esse mesmo imperador procurou tirar vantagem e interveio nas questões internas que dividiam os próprios cristãos e convocou um concílio, uma assembléia da qual participavam os principais padres cristãos. Nos concílios foram discutidas as diretrizes básicas da doutrina cristã. Depois Constantino cuidou pessoalmente para que as determinações do concílio fossem respeitadas, ou seja, passou a ter um controle muito maior dos cristãos e suas idéias. Antes de morrer, o imperador resolveu batizar-se também.

TIPOS MONETÁRIOS (380 MOEDAS)

O denário – termo que deu origem à palavra dinheiro – foi cunhado em Roma, em 268 a.C. Feito de prata e base do sistema monetário de Roma, o denário era fabricado no templo dedicado à deusa Juno Moneta, cujo nome deu origem às palavras “moeda” e “monetário”.

As moedas comemorativas cunhadas durante o período de edificação de Constantinopla, como nova capital, serão analisadas separadamente, em outra oportunidade, por se tratarem de um material especificamente ligado às cidades de Roma e Constantinopla. Somam um total de 53 moedas (CARLAN, 2004, p. 69).

DIVINDADES PAGÃS E MITOLÓGICAS

Gênio, mesma imagem cunhada pelos seus antecessores da tetrarquia (GENIO POP ROM) – 2 moedas; imagem feminina ao centro de um templo de seis colunas, acompanhada com frutas (CONSERVATORES KART SVAE) – 7 moedas; templo da justiça onde os magistrados se reuniam (CONSERVATORES VRB SVAE) – 1 peça; deus Marte, de uniforme militar, com ou sem escudo (MARTI CONSERVATORI) – 2 moedas; Marte nu

marchando para o combate, com um prisioneiro “bárbaro” (FVNDAT PACIS) – 2 peças; Júpiter, mesmo modelo da tetrarquia, acompanhado de uma águia com a coroa de louros (IOVI CONSERVATORI AVGG) – 12 moedas; imagem feminina representando a cidade de Roma (ROAME AETERNAE) – 3 peças; Constantino em pé (representado como a eterna piedade), com uniforme militar e o globo, cunhado após a sua morte (AETERNAS PIETAS) – 1 moeda; auriga conduzindo uma quadriga, sendo amparado por uma mão divina (sem legendas de reverso) – 29 moedas; loba com os gêmeos (VRBS ROMA) – 1 exemplar; justiça com a balança (IVST. VEM. MEN.) – 1 exemplar; sol radiado, seminu, com globo, um chicote, com prisioneiro aos seus pés, amarrado (SOLI INVICTVS COMITI e SOLI INVICTO) – 73 exemplares. Algumas dessas peças são acompanhadas de uma cruz.

VOTIVAS OU LAUDATÓRIAS

Globo subindo as céus, com os votos VOT XX, encimado por duas ou três estrelas, dependendo da variante (BEATA TRAMOVILLITAS) – 10 exemplares; VOT XX circundado por uma coroa de louros (CAESARVM NOSTRORVM) – 2 moedas; VOT XX *, VOT XX ò, VOT XX È, VOT XXX ò (DN CONSTANTINI MAX AVG) – 32 moedas; VOT XX MVLTVS XXX – 2 moedas.

MILITARES COM REPRESENTAÇÕES DA VITÓRIA

Dois soldados montando guarda a dois ou um lábaro, dependendo da variante (GLORIA EXERCITVS) – 88 exemplares; imagem feminina, com globo, vitória, cetro e elmo (GLORIA ROMANORVM) – 2 moedas; vitória com coroa e um navio (LIBERTAS PVBLICA) – 2 moedas; campo militar, semelhante às cunhagens de Constâncio II, que, para Cohen (1880-1892), são os portões de Trêves, e, para Gomes Marques (1982), trata-se dos portões de Londres (PROVIDENTIAE AVGG) – 34 moedas; fortaleza ou campo militar, Constantino com uniforme militar (VIRTVS AVGG ou AVGVSTI) – 2 moedas; votos VOT XX, acompanhados de dois prisioneiros (VIRTVS EXERCITVS) – 10 exemplares; vitória marchando com troféu e conduzindo um prisioneiro (SAR MATIA DE VICTA) – 6 moedas; duas vitórias, com votos VOT PR e altar (VICTORIAE LAETAE PRINC PERP) – 30 moedas; vitória acompanhada de coroas e palmas (VICTORIA AVGG NN) – 4 moedas;

PRINCIPAIS EXERGOS E LOCAIS DE CUNHAGENS

R*Q, RP, RS, RA, R*P, R*S, RÛP, RÛS, RÊS, RÊP, RT, P*R, PõR (Roma), PTR, STR, TRP, PTRE (Trêves ou Trier), SCON, PCONS, ARLS, P*AR, S*AR, PARLS, SARL (Arles), PLC, PLN, *PLC (Lion), PõT, PT, ST (Ticinum), SMNĀ, SMNA, SMNE, SMNS (Nicomédia), AQT, AQP (Aquiléia), SMHA, SMHB, (Heracléia), TSAVI, SĀHT, TSĀVI (Tessalônica), CONS, CONSM, CONST, CONSA (Constantinopla), SMANA, SMANS, SMANĀ, SMANE, SMANI, SMANB, SMANT, SMANTB, SMANN (Antioquia), SMKA, SMKS, SMKĀ, SMKE, SMKZ (Cízico), SAMALA, ALE, SMALB (Alexandria), SMTSĀ, TSA, SMTSE, SMTSB, TSA, TSM (Tessalônica), SIS, ASIS, ASSISõ, BSISõ, ESIS (Sísicia), MOSTP, MOSTS (Óstia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cunhagens representando Constantino e seus atos políticos, mesmo com a sua morte em 22 de maio de 337, continuaram a ser fabricadas até 341. O *solidus*, moeda de ouro introduzida por ele, circulou por quase toda a Alta Idade Média Ocidental. As moedas e medalhas comemorativas, com a personificação de Constantinopla, em que se comemorou a consagração da cidade, foram cunhadas pelos seus filhos e herdeiros após 341.

Constantino estabeleceu novos padrões monetários, como as representações das legiões ou soldados nos reversos de suas moedas. Através dos confiscos dos bens destinados aos templos pagãos, ampliou e reabriu as casas de cunhagens fechadas durante as décadas de 310 e 320, aumentando a circulação e o abastecimento do Império. Em sua homenagem, o senado em Roma mandou construir o Arco do Triunfo de Constantino. Os arcos do triunfo eram bastante comuns desde o período severiano, pois relembavam e inscreviam, para a prosperidade, na memória, a lembrança das vitórias militares (GONÇALVES, 2005, p. 61).

Depois de vinte anos de governo, através do efêmero sistema de tetrarquia de Diocleciano, o império recobra a paz sob o cetro de um único senhor: Constantino. Apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios imperiais em cinco partes: três, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as duas outras, a três de seus sobrinhos. Ou seja, coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que,

desde 333, ele governava como César em Antióquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Bálcãs e a Ásia Menor.

Alguns autores chegaram a afirmar que Constantino teria a intenção de, bem antes de merovíngios e carolíngios, aplicar um conceito patrimonial do Estado monárquico. Tal afirmação é discutida por Rémondon (1973, p. 72), que, usando como base o testemunho numismático, afirma que Constantino havia pensado em seu filho mais velho, Constantino II, como herdeiro do império. Acreditamos que ele pretendia legar uma diferente organização política para aquele que o sucederia, como coordenador e administrador. A morte, porém, não lhe deu tempo para isso. E se realmente, como afirmou Rémondon, a idéia de Constantino era a de que o seu filho mais velho lhe sucedesse, por que a parte mais rica do império ficaria com o filho do meio, Constâncio? Não podemos esquecer que Constâncio II foi considerado pela posteridade como o mais eficiente administrador dentre os herdeiros do pai.

Os três filhos de Constantino – Constantino II, Constâncio II e Constante – e seus dois sobrinhos Júlio Dalmácio e Anibaliano, filhos de seu meio-irmão Flávio Dalmácio, todos com idade para governar, causaram transtornos à sua sucessão. Houve uma tentativa de estabelecer um sistema para que todos participassem do governo, mas, depois de sua morte, esse sistema foi destruído por suspeita mútua entre filhos e sobrinhos. Isto resultou num massacre em que seus filhos saíram ganhando, fortalecendo a imagem de Constâncio II, apesar de não ser o mais velho, como herdeiro da administração paterna. Ao massacre sobreviveram os jovens primos de Constâncio: Constâncio Galo, nomeado César em 351, mas condenado à morte por traição em 354; e Juliano, imperador de 360 a 363. Ambos eram filhos de Júlio Constâncio, segundo meio-irmão de Constantino, também morto no massacre.

Governante e administrador hábil e eficiente, Constantino I dividiu com Diocleciano o crédito principal da própria existência do Império Romano nos séculos IV e V. Os longos anos de estabilidade proporcionados pelo seu reinado possibilitaram um genuíno renascimento da vida civil e pública do período.

CONSTANTINE COINS AT THE NATIONAL HISTORICAL MUSEUM AT RIO DE JANEIRO, BRAZIL:
SOME REMARKS ON THEIR FEATURES

Cláudio Umpierre Carlan. O Museu Histórico Nacional e as moedas de Constantino I

ABSTRACT: the paper starts by introducing numismatics as an alternative historical document, studying political issues relating to the Roman emperor Constantine the First. The paper emphasizes the importance of using different sources, such as iconographic and archaeological. The numismatic collection stored at the National Historical Museum at Rio de Janeiro, Brazil, serves to show how images were used as propaganda for imperial rule.

KEY WORDS: coins, empire, iconography, power, politics.

NOTAS

- 1 Local onde a família real portuguesa desembarcou no Rio de Janeiro em 1808.
- 2 Segundo a Profa. Dra. Maria Beatriz Florenzano, tal catálogo seria inédito no meio acadêmico nacional e, possivelmente, internacional. Em 2006, esse catálogo, com algumas modificações, foi publicado pela Unicamp, em uma monografia escrita em conjunto com o Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, *Arqueologia Clássica e Numismática*. Foi o primeiro catálogo publicado sobre a coleção romana do Museu Histórico Nacional, desde a sua fundação em 1922.

FONTES NUMISMÁTICAS

Moedas do Imperador Constantino I, o Grande.

Acervo do Museu Histórico Nacional (RJ). Medalheiro de número 3. Lotes 15 ao 23.

CATÁLOGOS

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London: Spink and Sons Ltd., 1983.

STANDARD CATALOGUE OF BRITISH COINS. Coins of England and the United Kingdom. 30th Edition. London: Edited by Stephen Mitchell and Brion Reeds, 1995.

CAYON, Juan R. *Compendio de las Monedas del Imperio Romano*. v. 2. Madrid: Imprenta Fareso, 1985.

REFERÊNCIAS

BRUUN, Patrick. Studies in Constantinian Numismatics: papers from 1954 to 1988. *Acta Instituti Romani Finlandiae*, v. 12. Rome: Illus, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Rituais do poder: Constantino e as moedas comemorativas da "Nova Roma". *Revista Encontros*. Rio de Janeiro: Departamento de História do Colégio Pedro II, 2004.

COHEN, Henry. *Descriptive Historique des Monnaies Frapés Sous L'Empire Romain: communément appelies médailles impériaes*. 12. ed. Paris: Rollim e Feuarent Editores, 1980-1982.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Homenagens aos Severos: a construção de arcos do triunfo nas cidades do norte da África. In: CARVALHO, Maria Margarida; LOPES, Maria Aparecida de S.; FRANÇA, Susani Silveira Lemos (Orgs.). *As cidades no tempo*. São Paulo: Ed. Unesp, Olho d'Água, 2003.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. Numismática e História Antiga. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA, 1. *Anais...* João Pessoa, 1984.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *Grécia e Roma: vida pública e privada*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesaréa. *De Vita Constantini*. v. 7. Lib. I. Leipzig: Texto da Edição I. A. Heikel, 1902.

LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.

MARQUES, Mário Gomes. *Introdução à numismática*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.

RÉMONDON, Roger. *Las Crisis del Imperio Romano: de Marco Aurélio a Anastácio*. 2. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1973.

VIEIRA, Rejane Maria Lobo. Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional? Museu Histórico Nacional. *Anais...* Rio de Janeiro, v. 27, 1995.